

MARINA RODRIGUES

FRESTAS

01 Abril a 23 Maio de 2023

Frestas, exposição individual de Marina Rodrigues na Casa do Olhar, propõe, através de jogos de equilíbrio, encaixes e oposições, uma síntese da pesquisa da artista. Partindo de uma observação do tecido urbano, do seu agenciamento, da sua textura e suas estruturas, a obra da artista nasce de materiais caracterizados por uma aparência de solidez, de dureza e objetividade, que ecoam com a racionalidade do movimento concretista do qual se inspira.

Observando e ressignificando os rastros do passado, o processo de Marina Rodrigues nasce do espaço e da matéria, sem alteração dos elementos que formam a base da sua obra, para criar em cima deles, um presente possível e propostas de futuro. Novas cidades surgem assim de blocos de concreto, de lâminas de metal e de vidro, brotam e se estruturam, se equilibram e se encaixam, contrapondo força e leveza, integridade e feridas, sugerindo modos de se relacionar com o mundo, tanto externo como interno.

Embora a premissa do concretismo rejeite a noção de subjetividade, Marina Rodrigues não deixa de observar e integrar a fragilidade que define a existência humana. Criando interstícios em blocos de cimento, que ela atravessa por lâminas de vidro, ou imobilizando e cristalizando faixas de ferro em caixas de acrílico, a artista se debruça sobre uma certa ideia de proteção. Concomitantemente, ela aponta a ilusão que esta ideia representa, e evidência ao mesmo tempo a resistência da matéria arquitetada e a resiliência dos seus ocupantes.

Existe nos gestos de Rodrigues, uma precisão de ourives - que não por acaso é o campo no qual ela se formou inicialmente-, uma escuta delicada da matéria e das suas manifestações, como se fossem corpos que a artista reorganiza, como tantas tentativas de ordenar o seu entorno, de acalmar o caos da cidade, ou as suas inquietações pessoais.

A ideia da corporeidade da obra está enfatizada na obra *O Par*. Manipulável pelo público, ela lembra os Bichos de Lygia Clark e a possibilidade de ver a geometria coexistir com a subjetividade de uma interação com o público. Um texto da artista acompanha ainda a obra, revelando nas suas entrelinhas, a dimensão da palavra na compreensão do seu processo criativo, que revela pontualmente breves ensaios e dissemina chaves de leitura nos títulos dados às suas obras.

Adicionando camadas poéticas na aparente objetividade da matéria, Marina Rodrigues fala ainda do tempo, das memórias afetivas que estão gravadas nas paredes dos edifícios, das casas, e aponta o ruído da cidade e os momentos de suspensão que consequentemente procura. O conjunto de trabalhos apresentado em *Frestas* evidencia, neste sentido, a importância da arquitetura no cotidiano, na sua função primordial e ideal de proteção do corpo coletivo, individual, e de articulações destes.

Assim, na instalação site specific *Argumentos de equilíbrio*, peças de concreto, de ferro e de vidro se apoiam e se compensam, tensionando a aparente fragilidade e a robustez dos materiais utilizados, condensando a proposta de *Frestas*. Testando os limites do peso e da matéria, Rodrigues abre espaço para a luz e a transparência adentrar a densidade do metal ou do concreto e cria instantes de vulnerabilidade, de equilíbrio, nos seus encaixes e fendas, espelhando assim as tensões do cotidiano urbano.

Frestas dialoga, finalmente, com o espaço expositivo e a sua arquitetura colonial, sintetizando assim a busca que permeia a produção de Marina Rodrigues por uma elaboração silenciosa do presente e do futuro pousada com leveza, nas bases dos legados do passado.

Julie Dumont

